

Aos 470 anos, São Paulo faz resgate da memória negra

Cartões-postais da cidade são redefinidos para contar a história do seu passado ancestral

Por Clayton Castelani (Folhapress)

A história está na pele de quem vive na vizinhança ao norte da avenida Paulista, mas foi preciso cavar fundo para que São Paulo chegasse aos seus 470 anos formalmente reconhecendo aquele território como também pertencente aos pretos cujos ancestrais foram forçados a trabalhar na construção da cidade.

Escavações da futura estação do metrô no coração do Bixiga, área do distrito Bela Vista tradicionalmente lembrada pela imigração italiana, abriram caminho para que se encontrassem provas de um símbolo da resistência de africanos escravizados, o Quilombo Saracura.

Foi justamente no subsolo de outro marco da ancestralidade de seus moradores, a sede da escola de samba Vai-Vai -desapropriada e demolida para dar lugar à estação-, onde foram achados em 2022 utensílios e peças de vestuário dos quilombolas.

“Sempre foi ressaltado o aspecto de bairro italiano, mas hoje estamos encontrando suas raízes”, diz a jornalista Luciana Araújo, integrante do movimento Mobiliza Saracura/Vai-Vai. “A escavação está trazendo materialidade à realidade conhecida entre os moradores”, diz.

Achados

Alessandro de Lima, arqueólogo que conduziu estudos no centro histórico da cidade, foi responsável por avisar os moradores dos achados. Ele diz que cachimbos e contas de vidro estão entre objetos que mais facilmente caracterizam a diáspora africana.

Descobertas que desencadearam mais do que o reconhecimento histórico. Pela primeira vez, graças à mobilização gerada pela confirmação da

existência do quilombo, as leis urbanísticas mais importantes para a cidade foram alteradas com intuito de garantir o direito de uma população a um território.

Nas revisões realizadas no ano passado, o Plano Diretor e a Lei de Zoneamento passaram a considerar que cabe ao poder público estabelecer políticas para garantir o perfil racial do bairro.

É uma tentativa de combater a substituição de habitações acessíveis aos pobres pelos caros apartamentos que já começam a surgir no entorno da futura estação do metrô, explica a mestre em planejamento urbano Gisele Brito, do Instituto de Referência Negra Peregum.

“Oferecer imóveis caros que atraem comércio e serviços que nada têm a ver com a população residente é um processo de banimento racial que não deveria ser naturalizado”, diz Brito.

A revisão da história da ocupação do Bixiga encontra precedente recente em outro bairro da região central.

Capela dos Aflitos

Em 2018, a demolição de um sobrado para a construção de um centro de compras por empresários chineses na Liberdade acidentalmente abalou a estrutura da capela dos Aflitos, construção remanescente do cemitério de mesmo nome onde pessoas escravizadas eram sepultadas no século 19.

Atentos à possibilidade de que a obra estaria desrespeitando a lei que prevê a investigação arqueológica em locais de interesse histórico, frequentadores da capela acionaram órgãos de preservação de patrimônio.

Foram encontradas nove ossadas no terreno, das quais duas carregavam contas de vidro azul típicas de cultos de matriz africana, indicando que aqueles



Vendedores de frutas trabalham em esquina de São Paulo em 1957

eram vestígios humanos de escravizados.

Última parada do itinerário do sistema de criminalização, punição e morte da época, o cemitério dos Aflitos funcionava nos fundos do triângulo demarcado pelas ruas 15 de Novembro, São Bento e José Bonifácio, área mais urbanizada onde a cidade se concentrou nos 300 anos que antecederam a expansão gerada pelo ciclo econômico do café.

No que então era a periferia do centro paulistano também estavam a Casa de Câmara e Cadeia, onde pessoas negras eram julgadas e condenadas (atual praça João Mendes), o pelourinho, para a punição pelo açoitamento (hoje é largo Sete de Setembro) e a forca, destinada aos sentenciados à morte, na atual praça Japão-Liberdade.

Escritor e estudioso da arquitetura da São Paulo escravocrata, Abilio Ferreira é quem descreve essa relação entre o urbanismo da cidade e seu sistema opressor.

Liberdade

Um dos coordenadores do movimento dos Aflitos, Ferreira conta que no mesmo ano de 2018 em que as ossadas foram encon-

tradas, o acréscimo do nome do país nipônico à praça da Liberdade inflamou o movimento que reivindicava o reconhecimento da presença africana.

“Até aquele momento, a Liberdade tinha uma história pacificada como sendo exclusivamente ligada à imigração oriental, não se discutia a origem do bairro”, diz o escritor.

Desapropriado pela prefeitura, o terreno do antigo cemitério receberá um memorial. A articulação para que isso acontecesse contagiou a mobilização nos arredores da futura estação do metrô no Bixiga, coincidentemente refazendo o caminho daqueles que buscavam a liberdade, segundo Ferreira.

Quilombo

Relatos históricos apontam que escravizados fugitivos do centro urbano da São Paulo colonial se embrenhavam na mata às margens do rio Anhangabaú para achar refúgio no quilombo perto do córrego Saracura.

Ferreira afirma que, apesar de emblemática, a visita à história desses bairros centrais da capital paulista é apenas amostra de um passado apagado.

“Escavações que resultaram em achados arqueológicos ocorreram em São Miguel Pau-

lista, na Sé, no largo da Bata-ta, mas pouca importância foi dada”, comenta. “O que temos agora são grupos mais articulados e conscientes e uma prova disso é que estamos falando sobre este tema no aniversário de São Paulo.”

Guilherme Soares Dias, fundador do Guia Negro, ressalta que a conexão entre a capital paulista e o continente africano vai além da revelação histórica. Ele destaca o também central bairro da República como exemplo disso.

Bom Retiro

Exemplo da diversidade paulistana, o Bom Retiro ganhou fama de bairro descolado. Fica fácil entender o motivo ao caminhar numa mesma calçada e achar diferentes estabelecimentos que servem comida coreana, chinesa, grega, italiana, árabe e colombiana, entre outras.

Atrativo aos imigrantes que buscavam oportunidade de enriquecer nas atividades ligadas à indústria têxtil do século passado e que ainda se faz presente, o Bom Retiro inicialmente chamou a atenção de comerciantes judeus e árabes. Asiáticos, em especial os sul-coreanos, seguiram esse caminho à procura de prosperidade.

Embora tenha perdido força, o ramo têxtil segue puxando estrangeiros, agora da vizinhança sul-americana. Paraguaios e bolivianos, principalmente, integram o operariado atual.

Cozinhando pratos tradicionais para suas respectivas comunidades, imigrantes construíram a base da diversificada cena gastronômica do bairro.

“Esse movimento começa com a necessidade de manter laços culturais”, diz o arqueólogo Alessandro de Lima, que é morador do bairro.

Essa é a história do Dabok Comida Coreana, conta a proprietária Fany Lee, 29. De família sul-coreana e nascida no Paraguai, ela chegou ao Brasil ainda criança, quando seus pais buscavam faturar no comércio têxtil.

“Minha mãe sempre cozinhou comida coreana para nós e só depois que isso virou um negócio”, conta Lee, que comemora o forte aumento do interesse brasileiro pelo frango frito empanado e outros pratos típicos desde a pandemia.

“As pessoas ficaram em casa e passaram a ver os doramas, as novelas coreanas, e quiseram experimentar aquela comida que as personagens comem com tanto gosto.”

Ruas de terra e bondinhos...

Por Isabella Melon (Folhapress)

Crianças brincando na rua, bondinhos, estradas de terra e uma avenida Paulista cheia de casarões. Moradores que acompanharam a transformação de São Paulo ao longo dos últimos 70 anos celebram o aniversário de 470 anos da cidade entre memórias e alguma nostalgia.

Cidadãos septuagenários viram o transporte público avançar e a população crescer exponencialmente, passando de 2,2 milhões de habitantes, nos anos 1950, para mais de 11 milhões. Com as mudanças vieram também o aumento da poluição e da criminalidade, entre outras consequências.

Roberto Regensteiner nasceu na Bela Vista, região central da cidade. Com 70 anos recém-completos, acaba de lançar o livro “É linda a Paulista?”, que reúne fotos da avenida ao longo das décadas, desde quando era um “grande mato original” até se transformar em “ícone paulistano contemporâneo”, nas suas palavras.

O administrador, que já morou um tempo na Vila Mariana,

na zona sul, desde os anos 1990 vive no Bixiga. Hoje, é um dos representantes do bairro no Conselho Participativo Municipal e se orgulha em dizer que a região é rica em cultura, com sambas, blocos e feiras. “O bairro tem uma identidade que certos bairros não têm ou perderam, mas a especulação imobiliária tem afastado muitos moradores”, diz Regensteiner, que lamenta o processo de gentrificação pelo qual passa a região.

O aposentado Reynaldo Ricciardi, 70, hoje vive em Interlagos, na zona sul, mas tem uma relação afetiva com o Bixiga, onde nasceu. Ele fala de outros tempos com saudade e diz que o bairro tem perdido estabelecimentos tradicionais como cantinas e botecos. “Tem alguns botecos, mas não são como antes. Não vejo famílias indo até lá para frequentarem bares bacanas como antigamente”, observa.

Embora se queixe de um ou outro problema da cidade, Reynaldo admite ser bairrista e diz que não permite que outros falem mal da cidade onde nasceu e cresceu. Ele conta que costumava



Idosos lembram da cidade da sua infância e juventude

ir para o Rio de Janeiro a trabalho e que não podia ouvir um carioca falar mal de São Paulo.

“Diziam que aqui só tem prédio e nada de praia. Eu retrucava que é só pegar o carro que chega rapidinho em Santos ou Guarujá”, conta.

De mudanças positivas trazidas pelo desenvolvimento, Reynaldo diz que vive próximo ao rio Pinheiros e que acredita que o projeto de despoluição tem surtido efeito. Ele conta que, antes, não conseguia manter as janelas do apartamento abertas no verão

devido ao mau cheiro, mas afirma que hoje isso não é mais um problema.

A transformação da cidade também está na memória de quem, embora não tenha nascido na capital, chegou a São Paulo muito cedo com a família, em busca de oportunidades de trabalho. É o caso de Neuza dos Santos, 70, que deixou Birigui, no interior do estado, para viver no Carandiru, na zona norte.

Ela tinha dez anos quando chegou. A neblina e a garoa, ela diz, são algumas das primeiras

recordações que ela carrega do momento em que chegou à cidade. Entre outras memórias, conta que muitas ruas não eram asfaltadas e que as crianças brincavam livremente.

“Ficávamos na rua, brincávamos de pega-pega, jogávamos bola e taco até tarde. Não tinha perigo. Fui moleca, joguei bola, fiz bastante coisa. Hoje não tem tanta liberdade quanto antes. Temos medo de ir para a rua”, lamenta.

Neuza diz que a família veio em busca de uma condição financeira melhor e que o objetivo foi conquistado. “Conseguimos comprar uma casa própria.”

Ela conta que na juventude foi funcionária de uma empresa de encadernação, mas largou o emprego quando se casou porque o marido não permitia que ela trabalhasse fora. A solução “para não enlouquecer”, ela diz, foi trabalhar com artesanato dentro de casa. Viúva, hoje a família é composta pelas três filhas e três netos. “Podia ser maior, mas tá bom”, brinca.

A lembrança de uma cidade gelada também marcou as primei-

ras impressões sobre São Paulo de Reny Pereira Leão, 70, que saiu da Bahia nos anos 1960, aos 14 anos, com destino a São Paulo.

A família não estava preparada para o frio. “Chegamos sem agasalho, sem cobertor. Senti falta da vida boa, de pegar fruta na árvore, de tomar banho de rio e pescar”, lembra ela, que no início morou com os pais em uma casa alugada em São Miguel Paulista, na zona leste.

Naquela época, a cidade baiana em que viviam atravessava uma seca, e os pais decidiram tentar a sorte em São Paulo. Reny lembra que assim que chegou começou a trabalhar para ajudar no sustento da família. “Meu primeiro trabalho foi de babá.”

Aos 39 anos, perdeu o marido. Viúva, parou de trabalhar e hoje vive de pensão. Embora reconheça as oportunidades que teve na capital paulista, diz que a família passou também por muita dificuldade. Mas hoje se vangloria de ter conseguido criar os filhos, que são motivo de orgulho para ela: um é enfermeiro, duas são pedagogas e a mais nova é cabeleireira.